

DIÁRIO DA CORA DE FRANKFURT



Fotos de Cora Rónai

Calma, gente: é só um jogo...

Nunca fui a um casamento em que a noiva fosse abandonada no altar, tivesse fugido com o padeiro ou simplesmente respondido "Não" no lugar do esperado "Sim"; mas acho que a sensação deve ser muito parecida com a que todos nós sentimos quando aquela inenarrável partida com a França terminou. Como assim, o Brasil fora da Copa? E merecidamente, ainda por cima?! Isso não estava no script! Não foi para resultado tão acachapante que enfeitamos as ruas e os nossos corações, que tantos cruzamos o Atlântico, que todos preparamos a festa. Ninguém me avisou que perder um jogo de futebol podia dar tal sensação de vazio, e a impressão de que, de repente, o chão desapareceu debaixo dos nossos pés. Agora entendo por que tanta gente diz, com sinceridade, que futebol é um sofrimento — e, apesar disso, continua indo ao estádio ou pagando o pay-per-view. Não sei se o meu lado masoquista é suficientemente forte para levar isso adiante, ou se, pura e simplesmente, não brinco mais: vim, vi e perdi, já aprendi como é, obrigada.

De repente a Alemanha perdeu a graça, a Europa perdeu a graça, a viagem desandou. Na sala de imprensa, onde a perplexidade era geral após o jogo, recebi a solidariedade de colegas do Benin, da Índia e da Alemanha, com quem tinha

feito amizade horas antes. Entre os brasileiros, o clima era um misto de raiva, incredulidade e conformismo: os gatos-mestres não punham fé no time desde o começo, e não chegaram a ficar surpreendidos com o resultado, muito embora, como o país inteiro e, suponho, Parreira e seus jogadores, lá no fundo acreditassem num milagre qualquer que nos salvaria na vigésima quinta hora. Infelizmente, futebol tem apenas 90 minutos, no máximo 120, e a vigésima quinta hora, é lógico, não chega nunca.

Apesar disso, valeu a festa. Apesar dos interesses e dos quaquilhões que este jogo movimentava, apesar de toda a sujeira por baixo do pano e de todas as teorias conspiratórias que o envolvem, essencialmente futebol é apenas isso, um jogo. Ganha quem joga melhor e/ou tem mais sorte. E pronto, sem choro: vamos em frente.

Perdemos? Pois fizemos por onde. Daqui a quatro anos teremos outra chance. Se soubermos tirar desta derrota as lições que ela trouxe, quem sabe não trazemos a taça? Estávamos mal acostumados demais, convencidos da nossa invencibilidade. Acontece que só vence quem sabe, no fundo do coração, que pode perder — e joga para ganhar. O time de 2010 vai, com certeza, entrar com outra atitude em campo.

Se a seleção não nos trouxe a alegria esperada, quem veio à Alemanha teve a oportunidade única de ver um país retomar a sua auto-estima. Não vou esquecer nunca os jogos que vi, mas o que vai aquecer a minha alma para sempre será a lembrança do sorriso tão peculiar que vi no rosto dos jovens alemães a quem disse, com toda a honestidade, que estava gostando muito da festa, da recepção e do seu país: um misto de incredulidade e de orgulho, de vontade de agradar e de felicidade por ter alcançado o seu objetivo. Prosit, Deutschland!



HORA DE CAIR na real, enxugar as lágrimas e seguir em frente. Para quem achou que a Copa estava no papo, uma decepção sem fim — mas uma lição óbvia, que só não aproveita quem não quiser. Autoconfiança demais nunca fez bem a ninguém



DEUTSCHZILLA: até o dinossauro do Museu de História Natural vestiu a camisa da Alemanha. Ver o país recobrando a sua auto-estima foi a melhor parte desta viagem

Semifinais

Uma escrita a ser quebrada

Alemães nunca venceram os italianos numa Copa do Mundo

Fernando Duarte

BERLIM, Alemanha

Apesar de ter eliminado a Argentina e chegado pela décima vez às semifinais de uma Copa do Mundo, num desempenho que ainda faz seus torcedores se beliscarem, a Alemanha continua sem conseguir derrotar um time de ponta do futebol do Mundial desde a vitória por 1 a 0 sobre a Inglaterra, em outubro de 2000. Afinal, a classificação na dramática partida de sexta-feira, em Berlim, foi obtida após empate em 1 a 1 no tempo normal e na prorrogação. O que certamente deverá fazer os alemães coçarem ainda mais a cabeça até a partida de amanhã, contra a Itália, um adversário jamais batido por equipes germânicas em Mundiais.

Foram quatro encontros, com empates na primeira fase em 1962 e 1978, e triunfos italianos na final de 1982 e na legendária semifinal de 1970, em que a Azzurra precisou disputar uma duríssima prorrogação sob o calor do México e chegou em frangalhos à decisão contra o supertime comandado por Pelé. No geral, foram 13 confrontos, com cinco vi-

tórias da Itália, cinco empates e três vitórias da Alemanha — a última, por sinal foi num amistoso em junho de 1995. Para aumentar a comichão, foi nas mãos dos italianos que a equipe sofreu sua maior derrota da era Klinsmann: os 4 a 1 de Veneza, há quatro meses.

— Aquela noite foi um desastre para a seleção e tivemos que aturar uma enxurrada de críticas ao trabalho para o Mundial, sem falar na humilhação do placar. Há contas que precisamos acertar nessa semifinal — diz o meia Torsten Frings.

Há conexões italianas em quase tudo, e não apenas por conta de um passado de alianças político-militares: foi no país da bota que Klinsmann viveu seus melhores momentos no futebol de clubes e os torcedores da Internazionale ainda sentem saudades do centroavante da equipe campeã italiana de 1989, ano em que o time conquistou o título pela última vez.

Será também diante da Itália que o time de Klinsmann passará por outro julgamento. Diante da Argentina, o futebol de passes rápidos e tempo acelerado ficou na promessa. Mas a Alemanha conta também com uma escrita particular contra a Itália: sua seleção jamais perdeu uma partida em Dortmund, palco da semifinal de amanhã.

— Temos lembranças mais imediatas, como a partida contra a Polônia, em que conseguimos um gol nos últimos minutos. Foi uma festa maravilhosa, mas enfrentaremos um adversário bem mais complicado dessa vez — disse o zagueiro Christoph Metzelder, que usou a eliminação do Brasil para responder a uma pergunta sobre o reencontro com a Itália:

— Aquele foi outro jogo e somos outro time desde então. Numa Copa, o importante é estar bem no momento. O Brasil, por exemplo, chegou como favorito, mas foi derrotado por uma França que cresceu durante o torneio.

Embora não tenha aparecido publicamente ontem, Klinsmann voltou a ser assunto por conta das declarações do presidente da Federação Alemã de Futebol (DFB), Theo Zwanziger,



CRISTOPH METZELDER na entrevista coletiva: Brasil como exemplo

que exige do treinador uma resposta até 16 de agosto sobre seu futuro no cargo. Klinsmann, que assumiu a seleção há cerca de dois anos, cogita deixar o time após o Mundial para dedicar mais tempo à família.

O ex-atacante vive nos EUA, onde diz poder criar os filhos sem o mesmo assédio que enfrentaria na Europa, e a mídia alemã nunca gostou muito de

vê-lo dirigir a seleção à distância. Mas Zwanziger ainda acredita que Klinsmann é o melhor para o futuro da Alemanha.

— Klinsmann trouxe uma filosofia para esse time que precisa ser mantida — explicou o dirigente, que mesmo antes do início do Mundial já vinha falando em prorrogar até 2008 o contrato de Klinsmann, que expira em 31 de julho. ■

Carisma de Klinsmann une o grupo

• No dia seguinte à vitória da Alemanha sobre a Argentina, o jornal italiano "Corriere della Sera" disse que os anfitriões da Copa estavam no paraíso e que Jürgen Klinsmann era seu profeta. Exageros à parte, a metáfora descreve o efeito do carisma do ex-jogador junto ao público e aos atletas da seleção. Ao ponto de torcedores creditarem a Klinsmann o surpreendente cumprimento entre os goleiros e inimigos Jens Lehmann e Oliver Khan antes da disputa de pênaltis da partida pelas quartas-de-final.

— Fazer Oli e Jens trocarem algo mais do que farpas ou olhares de desprezo foi mais um milagre — brinca a administradora de empresas Judith Kleinschmidt.

No sábado houve um churrasco no hotel com a presença de mulheres, parentes de jogadores e até de um atleta cortado por Klinsmann, o zagueiro Patrick Owomoyela.

— Nossa virtude é a união. Por isso a comissão técnica faz tanta questão de manter os jogadores juntos o máximo possível — explica o assistente-técnico de Klinsmann, Joachim Low.

Um grupo que festeja junto e briga junto, como ficou comprovado na confusão com os argentinos. Ontem, a Fifa anunciou que nenhum jogador alemão será punido pelo ocorrido.

Torcida está mais confiante do que nunca

Eliminação do Brasil, considerado o mais temível adversário, aumenta o clima de euforia

Graça Magalhaes-Ruether

• BERLIM. Depois da saída do Brasil da Copa, os alemães não têm mais dúvidas de que serão campeões, pois o medo de enfrentar o time de Parreira era maior do que o que os brasileiros tinham da equipe francesa. Há em toda a Alemanha um clima de euforia. Sobretudo em Berlim.

— No início da Copa, o Brasil era o adversário mais

temido, mas hoje a equipe alemã mostra que tem condições de ser campeã — disse o ex-treinador Berti Vogts, auxiliar do atual técnico, Jürgen Klinsmann.

Para os poucos jornais alemães que circularam ontem, a derrota brasileira no último sábado pode ter sido ajudada pela malsucedida experiência do treinador Carlos Alberto Parreira de modificar o time num momento tão decisivo.

— Parreira fez a mudança mais fundamental e audaciosa desde há mais de um ano, deixando Adriano de fora e trazendo Juninho — escreveu o jornal "Welt am Sonntag", lembrando que o Brasil mereceu a derrota, com "um jogo estático".

Para a edição online da revista "Der Spiegel", o Mundial terminou sendo uma Copa européia, com quatro seleções daquele continente na

semifinal, o que indica que "a organização vence a alegria de jogar".

"O campeão e favorito saiu da Copa depois de uma apresentação medíocre" publicou o Berliner Morgenpost.

No mar de críticas, chamou a atenção um único elogio ao Brasil, feito por Rudi Völler, treinador da seleção alemã que perdeu para o Brasil em 2002.

— O jogo não deu certo, mas

acho que Parreira não devia renunciar, porque é um bom treinador — disse Völler.

Rainer Calmund, ex-gerente do Bayer Leverkusen, time que tem desde os anos 80 constantemente dois jogadores brasileiros — disse que a seleção de Parreira não mostrou o que sabia.

— Os jogadores, individualmente geniais, não conseguiram formar um conjunto — resumiu. ■

